



As Três Revelações

1) Moisés e a 1ª Revelação: “Um Único Deus”

Na Roma Antiga, antes do surgimento e crescimento do cristianismo, as pessoas seguiam uma religião politeísta, isto é, acreditavam em vários Deuses. Em contra-censo, é fácil observar, nos “deuses” romanos, condutas e comportamentos humanos, o que em outra análise os colocavam a par com o ímpeto, conquistador, daquela civilização.

Estes Deuses, apesar de serem considerados imortais, possuíam características e comportamentos tais como: a maldade, a bondade, o egoísmo, fraquezas, sentimentos de vingança etc... entre tantas outras imperfeições, virtudes e é claro “poderes, forças destruidoras”, que compunham suas personalidades divinas e submetiam o povo a uma fé temerosa.

De acordo com este povo, as divindades decidiam à vida dos mortais. Cada entidade divina representava uma “força da natureza” ou sentimentos puramente humanos. Esta crença e/ou religião foi absorvida dos “templos gregos”, isto durante a invasão e conquista da Grécia Antiga, pelo famoso Império Romano. Da crença Grega, os Romanos modificaram apenas os nomes dos deuses e lhe assinalaram as características, vejamos:

- Zeus, deus Grego, que pelas mãos dos Romanos tornou-se Apolo, considerado o “Deus do Sol e Patrono da Verdade”;

- Afrodite, Deusa Grega, para os Romanos tornou-se Vênus, “Deusa do amor e beleza”;

- Deméter, entre os Gregos, para os Romanos Ceres, “Deus da colheita e agricultura”;

- Poseidon, Deus Grego, entre os Romanos, Netuno, “Deus dos mares e oceanos”;

E ainda somente entre os Romanos:

- Marte - Deus da guerra;

- Minerva – representava a sabedoria e o conhecimento;

- Baco - Deus do vinho e festas;

- Diana – Deusa da caça, castidade, animais selvagens;

- Mercúrio – Era o mensageiro dos deuses, protetor dos comerciantes.

Este conjunto de Deuses e suas especialidades formavam a crença dos Romanos, na famosa Era Clássica.

Na “Primeira Revelação”, trazida por Moisés, (também chamada de Primeira Aliança ou Antigo Testamento), traz-se a idéia da “Existência de um Deus Único”, e não de vários, como se cultivava até então, deste ponto surgiu, o Monoteísmo.

Se estudarmos a fundo o código do grande legislador hebreu, encontraremos duas partes distintas: as Leis de Deus, promulgadas sobre o Monte Sinai, onde Moisés (“Médium”) recebeu a Tábua com os Dez Mandamentos; e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por ele, para educar e reger o comportamento do povo, recém libertado da escravidão, a que os submetia a Civilização Egípcia da época.

Ora, uma (as Leis de Deus) são invariáveis, a outra (as Leis de Conduta) são apropriadas aos costumes e ao caráter do povo da época, e portanto, transitórias, pois como toda lei humana, se modifica com o tempo e as necessidades.

A lei de Deus, “Os Dez Mandamentos”, é de todos os tempos e de todas as pessoas, independente de credo, raça, cor, e tem, por isso mesmo, caráter permanente. Ela descerra a crença num Deus único, e condena veementemente a adoração de vários deuses, como era de costume, veja:

I. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim, outros deuses estrangeiros. – Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está acima do céu, nem embaixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não os adorareis e não lhes prestarei culto soberano.

E continua:

II. Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.

III. Lembrai-vos de santificar o dia de sábado;

IV. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.

V. Não mateis;

VI. Não cometeis adultério;

VII. Não roubeis;

VIII. Não prestei testemunho falso contra o vosso próximo;



IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo;

X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.

Estas são todas as Leis Divinas. As demais, estabelecidas pelo legislador hebreu, foram criadas para manter, pelo menos temporariamente, pelo temor, um povo indisciplinado, criadas para combater abusos enraizados e preconceitos adquiridos pelo povo durante a servidão no Egito.

Ora, para dar crédito, assim como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos antes dele, o Missionário dos Céus, atribuiu a estas leis, a autoridade da origem Divina e as inculcou na mente do povo, para fazer cumprir sua nobre missão. A idéia de uma estranha justiça, ou seja, a noção de um “Deus Terrível, Rancoroso, Vingativo e Destruidor”, foi necessária naquela época, pois que só o medo, poderia impressionar homens ainda bastante ignorantes, momento em que o senso moral e a capacidade intelectual do povo ainda eram pouco desenvolvidos.

Para tanto, as leis, da segunda ordem de Moisés, as leis do Código Moisaico, foram criadas justamente, sendo necessárias para o dado momento, porém em caráter essencialmente transitório, tal como todo o código de conduta elaborado pelos homens, que de época a época tende a se aprimorar dado os avanços morais da humanidade. Avanços estes que visam à aproximação e adequação cada vez maior do homem, ao código de conduta universal: “As Leis de Deus, únicas soberanas e imutáveis”.

Quer saber mais? Leia o Capítulo I – Não Vim Destruir a Lei, do Evangelho Segundo o Espiritismo, Kardec (1864).

Fontes consultadas e utilizadas para a elaboração do Texto:

1 KARDEC, Allan (1804-1869). O Evangelho Segundo O Espiritismo (1864): com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida/por Allan Kardec; [tradução de Guillon Ribeiro] da 3ª ed. Francesa, revista e modificada pelo autor em 1866. – 129 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

2) Jesus e a 2ª Revelação: “O Evangelho do Amor e a Imortalidade da Alma”.

Nos Evangelhos estão contidos a Segunda Revelação (também chamada de Segunda Aliança ou Novo Testamento). Jesus, o Messias, ensina e vivencia os princípios de moral e de espiritualismo, sem evidenciar nenhuma religião.

Jesus dizia: *“Não vim destruir a lei”, o que na verdade queria, dizer: “a lei de Deus”*. Ele veio cumpri-la, ou seja, desenvolvê-la, dar prosseguimento, atribuir-lhe o verdadeiro sentido e apropriá-la ao grau de adiantamento dos homens. Eis porque encontramos nessas leis o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, o que constitui a base de toda a sua doutrina.

Diante das leis de Moisés, ao que diz, o código de conduta, Jesus combateu de forma constante e veemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações e não podia fazê-las passar por uma reforma mais radical do que as reduzindo a estas palavras: *“Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo. Esta é toda a lei e os profetas”*.

Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano e Orientador de todas as coisas. O Cristo, tomando da antiga lei apenas o que era Divino, rejeitou o que era transitório, disciplinar e de concepção puramente humana.

Sabe-se que as leis de concepção humana são determinadas em épocas em que se faz necessário corrigir e impedir abusos existentes na sociedade, “ora, o dia em que todos os indivíduos se conscientizarem dos males do tabaco, por exemplo, e ninguém mais fumar, estará obsoleta a lei que proíbe fumar em ambientes fechados”.

Jesus, embora não fosse contra determinadas leis, veio ao mundo para confirmar o que era divino, e trazer revelações, as que Moisés não evidenciara. Neste passo, falou da “vida futura” e das “penas e recompensas” que aguardam o homem depois de sua morte. A parte mais importante, da nova revelação do Cristo, foi ensinar que Deus não era um Deus terrível, cruel, vingativo, implacável, que regava a terra com sangue humano, como se acreditava.

No tempo de Moisés, o conceito de Deus atemorizava o povo, pois que este ordenava o massacre e o extermínio, sem excetuar mulheres e crianças, por assim dizer, não poupando suas vítimas. Para o povo da época de Moisés, Deus, para tanto injusto, punia o povo inteiro pela falta de seu chefe, feria os filhos pela falta dos pais, se vingava do culpado na pessoa do inocente. Era um Deus de um único povo, povo este, privilegiado. Era um Deus que recompensava e punia, um Deus vingativo, que ordenava retribuir as ofensas, “olho por olho e



dente por dente”. Era um Deus mesquinho e meticuloso, que impunha, sob as mais rigorosas penas, o modo como queria ser adorado (os sacrifícios).

Ao contrário de tudo isso, Jesus nos mostra um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e dá a cada um, segundo suas obras. Jesus nos mostra um Pai único, comum a todo o gênero humano, que estende sua proteção por sobre todos os filhos e os convida a segui-lo e amá-lo e não” temê-lo” como no tempo de Moisés.

De acordo com Jesus, cada homem determina sua sorte (recompensa ou punição) de acordo com suas obras. Deus concede o livre arbítrio a todos, e nos convoca ao trabalho, “ao plantio, para depois, a colheita”. Jesus nos mostra um Deus misericordioso, que diz: “Perdoai as ofensas, se quereis ser perdoado. Fazei o bem em troca do mal. Não façais aos outros, o que não queres que te façam.” Enfim, Jesus nos mostra um Deus de Amor.

A doutrina do Cristo faz da caridade para com o próximo, a condição indeclinável de salvação: “Amai a Deus sob todas as coisas e o vosso próximo como a vós mesmos”. Ele assentou a igualdade entre os homens perante Deus e a fraternidade universal. E acrescentou: “Muitas das coisas que vos digo ainda não as compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreendereis; por isso e que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito da Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas (Evangelho de João, Cap. 14, VS. 16 e Mateus 17).”

Ao substituir a Lei de Talião (Olho por olho, dente por dente) pela Lei de Amor, Jesus Cristo, foi mais longe, e nos legou, importantes ensinamentos:

- *DEUS, o criador de tudo que existe , é o PAI de todos os homens, os quais trata com amor e bondade;*
- *Todos os seres humanos são irmãos e iguais perante a Lei de Deus;*
- *O homem é um espírito imortal revestido de um corpo de carne;*
- *Digno é o trabalhador do seu salário, cada um recebe conforme seu merecimento;*
- *Só façamos aos outros aquilo que quisermos que nos façam;*
- *Amar ao próximo, inclusive nossos inimigos;*
- *Não julgar para não sermos julgados;*
- *Perdoar irrestritamente;*

- *A esmola deve ser dada em segredo;*

- *A oração é um dos grandes recursos à disposição dos seres humanos para atrair o auxílio superior.*

Ninguém alcança a níveis espirituais mais elevados, sem assimilar e praticar o código evangélico deixado por Jesus.

“O céu e a terra não passarão, enquanto não se cumprir até o último jota”. Em verdade Jesus quis dizer, que era necessário que a lei de Deus fosse cumprida, ou seja, que fosse praticada sobre toda a terra, em toda a sua pureza, por todos os homens:

- De que serviria estabelecer essa lei, se ela tivesse de ficar como privilégio de apenas alguns homens, ou mesmo, entregues a um só povo?

Ora, se todos os homens são filhos de Deus, sua lei se aplica a todos, indistintamente. Um pai humano, bondoso e amoroso na Terra, não faz distinções aos cuidados com seus filhos!

- Seria o Pai Maior, Deus, menor em virtudes a um pai humano?

- Faria Deus distinções de cuidados a seus filhos?

Por fim, o papel de Jesus não foi simplesmente o de um legislador moralista, sem outra autoridade, que a sua palavra. Ele veio cumprir as profecias que haviam sido anunciadas antes do seu advento. Sua autoridade decorria da natureza excepcional do seu Espírito e da natureza divina de sua missão. Fez seu decesso, para ensinar aos homens que a verdadeira vida não está na Terra, mas sim no Reino dos Céus; para ensinar-lhes o caminho, os passos que os conduzem até “lá”; os meios para se reconciliarem; veio para os advertir sobre a marcha das coisas futuras, por fim, para o cumprimento do destino, dos desígnios, da humanidade.

Não obstante, ele não disse tudo, e sobre muitos pontos limitou-se a lançar o germe de verdades que ele mesmo declarou não poderem ser então compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos claros, de maneira que, para entender o sentido oculto de certas palavras, era preciso que novas idéias e novos conhecimentos viessem dar-nos a chave. Ora, essas idéias não podiam surgir antes de certo grau de amadurecimento do espírito humano.

A ciência deveria contribuir poderosamente, para o aparecimento e o desenvolvimento “dessas idéias”. Era preciso, pois, dar tempo à ciência humana, para progredir.

Fontes consultadas e utilizadas para a elaboração do Texto:

1 KARDEC, Allan (1804-1869). **O Evangelho Segundo O Espiritismo (1864)**: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida / por Allan Kardec; [tradução de Guillon Ribeiro] da 3ª ed. Francesa, revista e modificada pelo autor em 1866. – 129 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.



3) Kardec e a 3ª Revelação: “A Doutrina dos Espíritos”

Para dar início, as considerações, temos de pontuar que a “Terceira Revelação”, foi anunciada por Jesus, quando disse:

Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei ao meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará entre vós. (João, 14:15 a 17 e 26).

Jesus ainda afirma: *“Muitas coisas ainda precisam ser ditas”*, porém ao seu tempo, pois naquela época, a humanidade não estava suficientemente preparada e portanto, não compreenderia. Jesus prometeu que enviaria “outro Consolador”, para então revelá-las. Ele deu esperança e trouxe a “boa nova” na promessa de enviar o Espírito de Verdade: – *Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito* (João, 14:15 a 17 e 26).

Dentro desta promessa divina, e dos princípios do Evangelho do Cristo, é que o Espírito de Verdade, juntamente com seus colaboradores, transmitiu-nos a Doutrina Espírita, codificada, ou melhor, organizada pela hábil mão e mente sã, do Sr. Hippolyte Leon Denizard Rivail ou se preferir, Allan Kardec, como ficou conhecido, isto em meados do século XIX, em Paris, na França, mais precisamente a partir de 1857.

O Antigo Testamento está personificado em Moisés e o Novo, em Jesus Cristo. O Espiritismo, ou seja, a Terceira revelação, pelas verdades e certezas que encerra, tem um sentido universalista, pois que não está personificado em ninguém, não é o produto do pensamento de um homem, “Kardec”, como vulgarmente pensam àqueles que não conhecem a fundo.

A Doutrina Espírita é o conjunto dos ensinados dados, pelos Espíritos Superiores, que como “Vozes dos céus autorizadas pelo Pai Celeste” vieram a distribuir e revelar em dado momento, a inúmeros médiuns, em vários lugares, por todo o mundo, a sã Doutrina, a Doutrina Consoladora, que revive a moral do Cristo e explica, tal como a promessa, todas as coisas.

Kardec, o Codificador, ou se preferir, organizador da doutrina, enviou os vários questionamentos, dúvidas humanas, a vários grupos espíritas sérios que surgiam espalhados pela Europa e pelo mundo, e depois, de obter as respostas, as comparou e as compilou em

uníssono, na conhecida e revolucionária obra, *“O Livro dos Espíritos”*, publicada e lançada, em Paris, na França, a 18 de Abril de 1857.

Mas a tarefa não foi fácil, exigiu muita dedicação e sério comprometimento moral. Para isto, Hyppolyte Leon Denizard Rivail, foi preparado por várias e várias encarnações a fim de se tornar a personalidade confiável, que desse segurança e crédito ao “divino” trabalho que lhe foi confiado, e que sabemos, propôs-se a fazer antes mesmo de vir a Terra.

Kardec em toda a sua trajetória foi o primeiro a reconhecer e admitir que o Espiritismo representa, em sua essência, os ensinamentos dos Espíritos Superiores (à frente, o Espírito de Verdade, referido pelo Cristo quando prometera enviar o Consolador, para lembrar seus ensinamentos e trazer conhecimentos novos à humanidade) e não eram portanto, os ensinamentos dele, ou de qualquer outro homem encarnado no planeta.

Assim surgiu a doutrina “libertadora de consciências”, capaz de proporcionar a fé raciocinada, apoiada na experiência dos fatos, avançando sempre com as conquistas das ciências humanas, nos seus mais diversos campos. Isto aconteceu no predito momento, pois que a humanidade, agora amadurecida pelos avanços intelectuais e principalmente pela liberdade que o ser humano tem em conhecer, em pensar, em crer (o que outrora, há dois milênios não era possível), pode comparar, refletir e compreender as verdades ditas por Jesus, em parábolas.

O Espiritismo, portanto, vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo material; mostra esse mundo, não mais como sobrenatural, mas bem pelo contrário, como força viva e incessantemente atuante em a natureza; mostra fenômenos até então incompreendidos, e por essa razão, relegados ao domínio do dito extraordinário, ou se preferir, fantástico, sobrenatural.

São essas relações a que o Cristo se refere em muitas circunstâncias, por isso muitas idéias, ficaram obscuras ou foram falsamente interpretadas por vários homens, através dos tempos, pois que não eram até então, compreendidas. Somente os esforços humanos, nas “lutas seculares”, lutas pela liberdade do pensamento através da evolução das ciências e suas luzes, é que propiciaram as circunstâncias concretas para o advento das digamos, mais avançadas “revelações do mundo espiritual”.

Espiritismo

“A Evolução do Pensamento Filosófico, Ético e Religioso da Humanidade”



No entanto, as sementes destas revelações, já estavam na terra, pois que Jesus citou-as em suas parábolas. Como um semeador, trouxe-as dos céus, e deixou-as em gérmen, na intimidade da humanidade, no aguardo do tempo propício para o florescimento.

O Espiritismo é a chave que nos ajuda a tudo entender com facilidade, a revelar de forma simples e racional o que antes estava oculto. E da mesma forma quando o Cristo disse: - *“Eu não vim destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento”*, a Doutrina Espírita, afirma: *“Não vem destruir a lei cristã, mas dar-lhe cumprimento”*, pois que nada ensina contrário aos ensinamentos de Jesus.

Por isso, quando alguns se questionam: *“Mas então as idéias do Espiritismo não são cópias dos ensinamentos do Cristo?”*, a resposta, é sim. Pois que a base moral do Espiritismo repousa nos conhecimentos universais, no ensino vivo de Jesus Cristo, assim como, repousam a base filosófica de todas as religiões Cristãs.

Assim, o Espiritismo é o produto da ação Divina; é a continuidade do programa de evolução da Terra e dos seres que nela habitam; e se preferir, a terceira revelação, o Consolador, prometido pelo Cristo”.

E não podia ser diferente, pois que Jesus nunca nos deixou a sós: *“Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei ao meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco”*.

No entanto, a absorção dos ensinamentos da Doutrina, de seus fundamentos, malgrado aos opositores, será inevitável, pois que o Espiritismo tudo explica, complementa em termos claros e racionais, completa e, portanto, consola. Eis o que oferece a Doutrina, àquele que a estuda e se propõe a vivenciá-la, *“oportunidade ímpar de evolução do espírito imortal”*.

Acessível a todos, sem distinção, o Espiritismo assim como Jesus, elege *“o bem, o amor e a caridade”*. Diferente dos tempos idos, em que os ditos “eleitos ou escolhidos”, utilizavam-se do conhecimento, suas equivocadas e mal-intencionadas interpretações da divindade, para interpor-se, subjugar pessoas e povos e desta forma, manterem-se, no poder. *“Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito”*.

O Espiritismo vem, portanto, cumprir o que o Jesus anunciou e preparar o cumprimento das coisas futuras. É, acredite! Obra do Cristo, que preside os seres humanos desde a formação do planeta, nos tempos imemoriais.

Jesus, portanto, sob a guarda de Deus, tudo dirige para fazer cumprir, o que anunciou: *“a regeneração que se opera e que prepara o Reino de Deus sobre a Terra”*.

Fontes consultadas e utilizadas para a elaboração do Texto:

1 KARDEC, Allan (1804-1869). **O Evangelho Segundo O Espiritismo (1864)**: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida / por Allan Kardec; [tradução de Guillon Ribeiro] da 3ª ed. Francesa, revista e modificada pelo autor em 1866. – 129 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.